

BETAR & ARTES LETRAS

Cinema Francês

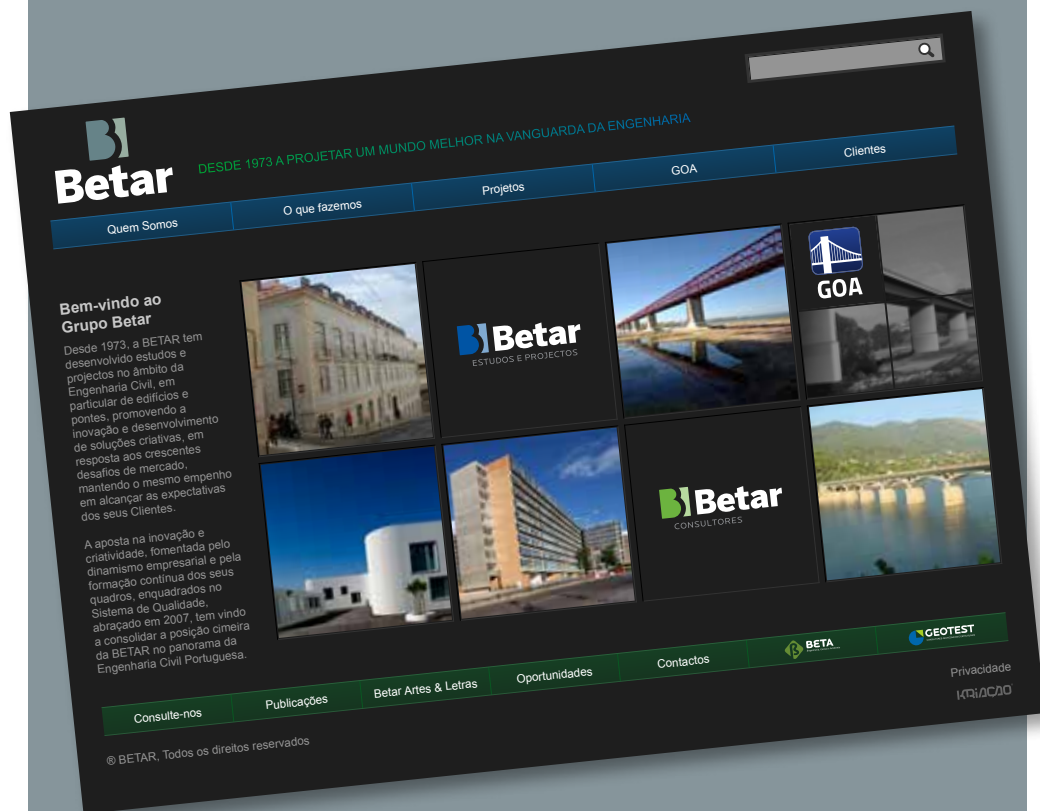
O regresso de um dos bons
festivais de cinema da nossa capital

B
Betar

ENTREVISTA
SIA ARQUITECTURA

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Com o outono chegam-nos novas e boas propostas culturais.

O reggae dos Soja, a pop de Anastasia, um misto de músicas do mundo de Sara Tavares e o fado de Carminho são as sugestões de música da Artes&Letras para o mês de Outubro.

Mas o melhor que este mês nos oferece são os festivais de cinema. O Doclisboa, que representa um lugar de convívio, debate e pensamento vivo, permite aproximar o cinema e o público. E a Festa do Cinema Francês, que celebra 15 anos, leva a sétima arte a 18 cidades e, pela primeira vez, a seis aldeias.

No teatro, um musical para ver ou rever e uma peça intemporal são duas hipóteses completamente imperdíveis. “Cats”, mais divertida, “Negócio fechado” mais crítica e próxima da realidade.

Este mês, no campo das artes expositivas, o Museu do Design e da Moda apresenta uma faceta pouco conhecida da época do Estado Novo e obras inéditas de Paula Rego estão em destaque na Casa das Histórias.

Lá fora, o Museu Rainha Sofia, em Madrid, oferece uma retrospectiva abrangente da obra de Richard Hamilton; a Tate Modern, em Londres, apresenta a história de Kazimir Malevich; e no Museu d’Orsay, em Paris, a exposição destaca a revolução que os textos do escritor Sade tiveram no campo das artes.

À semelhança do mês anterior, a Artes&Letras destaca mais um projeto da BETAR e, como habitualmente, temos espaço para uma entrevista. Desta vez são três as arquitetas que nos falam: Ana, Inês e Sofia contam-nos como foi o percurso do SIA Arquitectura e descrevem os desafios atuais.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘Um estagiário espanhol disse que nas universidades em Espanha, os dois países que são “cases studies” sobre a forma de construir são a Suíça e Portugal. Isso é admirável quando as condições são tão diferentes.’

As palavras do
SIA Arquitectura.

Por Cátia Teixeira



Casa na Rua Rui Barbosa, Lisboa

Trabalham juntas desde 2000. Em 2007 fundaram um atelier. Como surgiu a SIA arquitectura?

SOFIA - Nós conhecemo-nos no atelier do arquiteto Alberto Oliveira onde começámos a trabalhar juntas. Depois eu continuei no Atelier Souza Oliveira, a Inês foi trabalhar para o atelier Aires Mateus, onde permanece; a Ana passou a dedicar-se à SIA em exclusividade. Os ateliers onde trabalhamos são ateliers grandes, com projetos morosos. Muitas vezes passam dez anos entre o início de um projeto e ver a obra concluída, e nesses dez anos há coisas em que já não nos revemos, há coisas que se perdem pelo caminho, e traz a uma certa frustração. A ideia de conseguir controlar um processo desde a aquisição até à materialização foi a base do SIA.

ANA - Tínhamos estado três anos a trabalhar, de alma e coração, no projeto da Biblioteca Central e Arquivo Municipal de Lisboa, do arq. Alberto Oliveira com o arq. Manuel Aires Mateus, e depois o projeto “foi para a gaveta”. Tínhamos crescido imenso como arquitetas mas ficámos desiludidas. Nessa altura decidimos formar a SIA para procurar processos que fossem mais comprimidos no tempo, num modelo em que fossemos simul-



OSÉ MANUEL SILVA | PLANO-FOTOGRAFIA

Casa na Rua Rui Barbosa, Lisboa

taneamente promotoras, projetistas e donas de obra.

INÊS - Isso aliado a uma crença na recuperação, que na altura não se fazia tanto como agora, fez-nos decidir montar um projeto, ainda antes de montar um atelier. Decidimos ser nós as clientes: escolhemos uma casa – fomos à procura, perguntámos nas conservatórias quem eram os donos – recuperámo-la – no início guardávamos um dia na nossa semana para nos dedicarmos a este projeto – e vendemo-la – agora vive lá uma família, que adoptou o projeto tal como o tínhamos imaginado, quase não mudou nada. Entretanto encontrámos outro edifício, maior, que também nos encantou e estamos neste momento a coordenar a obra de recuperação.

Falem-nos um pouco da forma como encaram a arquitetura no SIA.

ANA - A SIA é um agrupamento de arquitetas. Fazemos projetos para clientes que nos procuram, e alternamos isso com projetos próprios. Cada uma tem uma letra mas funcionamos juntas, não respondemos em nome individual. Fazemos parcerias, que funcionam muito bem; colaboramos com colegas quando necessitam de fechar um projeto; fizemos um

cenário para uma peça no Teatro do Bairro, que foi muito gratificante; e fazemos, sobretudo, recuperação. As pessoas vêm ter connosco principalmente para isso. O nosso método de trabalho é muito natural: cada uma coordena um projeto, mas todas intervêm. Começamos por pensar cada uma por si e depois debatemos as nossas ideias, inquietações e dúvidas. Muitas vezes há consenso, em caso de empate entre duas ideias, a terceira desempata. A democracia prevalece sempre. E quando temos opiniões divergentes, já sabemos que vamos gostar muito mais do resultado final do que das ideias de cada uma separadamente. Ou seja, muitas vezes cada uma tem uma ideia, mas a junção das três resulta melhor. Um dos problemas é que as coisas que gostamos mais de fazer nos processos, e as que gostamos menos, são comuns. Nenhuma pode escapar ao que gosta menos de fazer... Temos de dividir. INÊS - Tentamos trabalhar de uma forma muito sintética, os trabalhos têm sempre uma previsão, ajustamos os projetos ao tempo que temos, sabemos trabalhar com a escassez de recursos, não divagamos. Investigamos todas as soluções de forma sistematizada, sem dispersar, discutimo-las a três, elegemos aquilo que vai ser determinante para o projeto e ten-

tamos organizar tudo o resto em função disso. Quando pegamos nos projetos há uma eleição daquilo que podemos trabalhar, fazemos uma leitura, entre as três, e depois perseguimos isso.

SOFIA - Uma coisa curiosa é o facto de termos pequenos clientes que à partida não contratariam um arquiteto e que vêm ter conosco porque procuram uma pequena mais-valia no projeto e intuem que lhes podemos dar isso. As vezes basta uma versatilidade que não tinham pensado, uma ideia. São pequenas recuperações, pequenos investimentos, que fazem diferença.

Quando falamos no desenvolvimento da arquitetura portuguesa para o futuro, como vêem a imagem e prestígio internos e externos?

SOFIA - Portugal tem arquitetos extraordinários, temos dois Pritzker, e convivemos diariamente com projetos notáveis, há uma forma poética de pensar os espaços e os lugares que é própria do nosso contexto. Temos imensos colegas a emigrar para países onde se faz uma arquitetura “de imagem”, e a reabilitação pode ser uma forma de resistência, de passar esta tradição de como se constrói, como se pensa o espaço a partir das suas características essenciais. Neste momento de crise, a reabilitação pode ser uma forma de preservar a tradição da arquitetura portuguesa. Felizmente está a ser feito um trabalho de reabilitação em Lisboa, ao nível dos edifícios e do espaço público. Como exemplo temos a operação do Intendente que foi muito eficaz e com um resultado visível. As ações amplificam-se, quando os espaços estão cuidados as próprias pessoas respeitam-nos mais. **INÊS** - Um estagiário espanhol perguntou-me há uns dias, porque é que se constrói tão bem

em Portugal? Disse-me que em Espanha, na universidade, os dois países que são “cases studies” sobre a forma de construir são a Suíça e Portugal. Isso é admirável, principalmente quando as condições de trabalho e os recursos destes dois países são tão diferentes.

Que tipo de estratégias usam para expandir o vosso espaço no meio?

ANA - As pessoas chegam até nós através do nosso círculo de conhecimentos, pessoas que já conhecem o nosso trabalho e confiam em nós. Não fazemos grande divulgação dos nossos projetos, até há bem pouco tempo nem tínhamos noção da quantidade de sites que fazem divulgação da nossa arquitetura... No fundo conhecem-nos pelo trabalho e não pela divulgação, é uma coisa mais próxima do quotidiano e menos da mediatização, até porque não sabemos bem fazer isso. Às vezes são os próprios construtores que nos recomendam, outras vezes são pessoas com quem já trabalhamos que indicam o nosso nome.

E em relação ao futuro do atelier, que desafios estão em cima da mesa?

INÊS - Em relação ao nosso projeto inicial, houve um “gap”: vendemos a primeira casa, e íamos reinvestir nesse tipo de projetos, mas tivemos outros pedidos e passámos a fazer projetos de arquitetura, para clientes, na forma de encomenda que é mais habitual. Temos alguns projetos em curso, todos em reabilitação: um prédio na Rua do Arsenal, uma casa unifamiliar na Ajuda, uma casa em Porto de Mós, um armazém ao pé do Convento do Carmo. E neste momento voltámos a fazer um pequeno investimento e estamos a recuperar uma “mansarda”, nossa, debruçada sobre o rio, para depois habitar ou vender.

Na sequência da iniciativa da Artes&Letras de Setembro, este mês apresentamos mais um projeto a que nos dedicámos durante alguns anos.



O Instituto Câmara Pestana, em Lisboa, é uma instituição de investigação biomédica e prestação de serviços especializados nas ciências e tecnologias da saúde, em especial no campo da saúde pública. O conjunto de três edifícios, destinados à investigação e ensino universitário - Genética, Microbiologia/Imunologia e Biblioteca - foi alvo de uma transformação de modo a potencializar a performance do complexo. A intervenção no edifício da Biblioteca consistiu na demolição do interior, mantendo as fachadas existentes, permitindo a execução de três pisos e de um piso semi-enterrado, expandindo o edifício para poente. O edifício da Genética, de três pisos acima do solo, um piso térreo e um piso enterrado, é uma extensão do corpo a norte da Biblioteca, tendo-se remodelado os pisos interiores e criado um novo volume elevado a poente. O edifício de Microbiologia/Imunologia foi construído de raiz e não condicionado por outras construções existentes, à exceção de uma cisterna antiga.

Instituto Câmara Pestana

UNL, Edifícios de Microbiologia/Imunologia, Genética e Biblioteca, Lisboa, Portugal

Projeto de Estruturas:

BETAR Estudos

Arquitetura: **ZT Arquitectos, Lda; Gonçalo Byrne Arquitecto; Thomas Zinter Arquitecto**

Ano projeto: **2005/10**

Ano construção: **2012**

Área Bruta de Construção: **9.691 m2**

Custo da Obra: **8.350.000€**

Dono de Obra: **Instituto Câmara Pestana/ Universidade Nova de Lisboa**

Reggae, pop, música do mundo e fado. São estas as nossas sugestões para o mês de Outubro. Como habitualmente, as propostas permitem-lhe escolher o que mais lhe agrada



Soja

Dia 16 de Outubro no Meo Arena

CONCERTO

A felicidade é o mote conceptual na música dos SOJA. Com o reggae a ser a base melódica, o octeto norte-americano é um dos nomes mundiais mais reconhecidos dentro do género abençoado por ícones como Bob Marley. Ao reggae, os SOJA juntam sempre rock, hip-hop, e outros géneros que soam harmoniosos. O grupo tem um reportório rico, com 5 discos de originais, e um novo trabalho que será editado ainda este ano.



Anastacia

Dia 23 de Outubro no Campo Pequeno

CONCERTO

Conhecida pela sua voz grave e emotiva, Anastacia marca novamente presença em Lisboa, desta vez para apresentar o seu mais recente disco de originais, “Resurrection”. A cantora e compositora americana multipremiada conta com seis álbuns editados até à data, tendo ultrapassado a impressionante marca das 30 milhões de discos vendidos. Um regresso que se adivinha memoravelmente estrondoso.



Sara Tavares, 20 anos de música ao vivo

Dia 30 no São Luiz Teatro Municipal

CONCERTO

Durante o seu percurso profissional, Sara Tavares tem vindo a aprofundar uma identidade musical que integra elementos africanos, portugueses ou simplesmente universais. Nessa busca surgiu uma sonoridade única e inconfundível. Com muitos prémios no currículo, Sara Tavares atua em Lisboa, no ano em que celebra vinte de carreira. Uma oportunidade única para entrar no mundo da cantora e nos deixarmos levar.



Carminho

Dias 23 e 24 de Outubro no CCB

CONCERTO

Carminho editou em 2009 o seu primeiro álbum, “Fado”, considerado “a maior revelação do fado da última década” pela Time Out e um dos dez melhores álbuns pela revista britânica Songlines. Em 2012 grava com Milton Nascimento, Chico Buarque e Nana Caymmi e afirma-se como uma das artistas portuguesas mais internacionais, distinguida com um Globo de Ouro, o Prémio Carlos Paredes e com ambos os álbuns de dupla platina.



Concertos de outubro

por António Cabral

Depois de uma longa hibernação, o Teatro Nacional de S. Carlos vai voltar a ter uma temporada, mais ou menos competente, de concertos e ópera. Louve-se a entrada, como “consultor”, de Pinamonte a quem devemos muita qualidade quando dirigiu o nosso teatro de ópera.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

2 às 21 horas e 3 às 19 horas (Grande Auditório)

No programa, um clássico dos apelos musicais à paz: “O Requiem de Guerra” (de 1961) de Benjamin Britten. Lembremo-nos que passam este ano 100 anos da 1ª Guerra Mundial. Solistas, tal como na criação, cantores solistas dos três países europeus beligerantes: Alemanha, Inglaterra e Rússia; coro infantil; coro e orquestra Gulbenkian; dir. de Paul McCreech.

9 às 21 horas e 10 às 19 horas (Grande Auditório)

Concerto com obras primas da música russa do sec. XIX: de Mussorgsky “Uma noite no monte calvo” e “Canções e danças da morte” e de Tchaikovsky, a suite de bailado “O Lago dos cisnes”; Orquestra Gulbenkian; o barítono Christopher Purves; dir. de Paul McCreech.

Semana Cultural Arménia durante a semana de 12 a 19

Assistam aos concertos de 16 às 21 horas e 17 às 19 horas (Luís de Freitas Branco e Aram Khachaturian) e 19 às 19 horas (Jordi Savall, o Hespèrion XXI e músicos da Arménia) todos no Grande Auditório.

30 às 21 horas e 31 às 21 horas (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian e direcção de Paul McCreech, no programa “Metamorfozes” de Ricardo Strauss e a “Sinfonia nº 3, Heroica” de Beethoven.

11 e 18 às 18 horas (Grande Auditório)

Transmissão da temporada de ópera do MET de Nova York respetivamente com as óperas “Macbeth” de Verdi (com Anna Netrebko) e “As Bodas de Figaro” de Mozart.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

27 e 29 (de Out.) e 5 e 7 (Nov.) às 20 horas e 1 (Nov.) às 16 horas

A ópera “Werther”, baseada no romance de Goethe, de Jules Massenet (1842-1912); Orquestra Sinfónica Portuguesa, maestro Cristobal Soler e encenação de Graham Vick. Intérpretes: Fernando Portari (Werther); Veronica Simeoni (27, 29 e 7) e Wendy D. Thompson (1 e 5) interpretam Charlotte; Luís Ridrigues (Albert)

TEATRO THALIA

Estrada das Laranjeiras, 205

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Filipe Pinto Ribeiro, ao piano, e o maestro Peter Tilling interpretam: “As criaturas de Prometeu” (Abertura, Andantino e Finale) (1801) e o concerto nº 5 (1811) de Beethoven e de Mozart a “Sinfonia nº 40” (1788).

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

12 às 17 horas (Grande Auditório)

Orquestra Metropolitana de Lisboa; Peter Jablonski (pn.) e dir. Garry Walter. Programa do sec. XIX: Abertura “Manfred” (1858) de R.Schumann, Quinta Sinfonia (Reforma) (1830) de F. Mendelssohn e Concerto nº 1 (1859) de Brahms.

TEATRO

Um musical para ver ou rever e uma peça intemporal são duas propostas completamente imperdíveis. “Cats”, mais divertida, “Negócio fechado” mais crítica e próxima da realidade



Cats

“Cats” é um verdadeiro fenómeno. Estreou a 11 de Maio de 1981 no New London Theatre onde esteve em cena 21 anos. Na Broadway, o sucesso repetiu-se por mais de duas décadas. Chegou a Portugal em Outubro de 2004, sendo visto por 109 mil pessoas. Repetiu a proeza em 2006, com 94 mil espectadores. Foi interpretado em 11 línguas, em 26 países. Já foi visto por 50 milhões de pessoas e galardoado com sete Tony. “Cats” é um musical sobre a vida de um grupo de gatos, seus amores, arrelias e tropelias, que se confronta com o regresso de Grizabella, a gata que teve a coragem de abandonar a família para conhecer o mundo. Baseado na obra de TS Eliot “Old Possum’s Book of Practical Cats”, “Cats” continua a atrair a atenção do público, conquistando novas gerações a cada ano que passa. Dez anos volvidos desde a estreia em Portugal, o musical está de regresso para ver ou rever.

Campo Pequeno

De 8 a 12 de Outubro

De: Anderw Lloyd Webber

Promotor: Uau 2-Produções de Espectáculos Internacionais, Lda

Ana Bola sem filtro

Um monólogo. Uma atriz. Ana Bola, com 40 de profissão, fez teatro e televisão, foi autora de séries de sucesso, apresentadora de programas, jurada de concursos. Aos 62 anos vê-se confrontada com falta de trabalho, apesar de apresentar propostas e de se sentir em forma e acarinhada pelo público. É-lhe pedido que faça desde dança a culinária, passando por ballet clássico ou até números de circo. Ainda que de uma forma ligeira e bem-disposta, este espetáculo procura uma crítica direta, e sem papas na língua, a uma realidade gritante: a total falta de respeito pela arte, pelos artistas e pelo trabalho sério, substituído por atentados ao talento e à experiência e pela ascensão de vedetas reprováveis. Este monólogo chama os bois pelos nomes. Sem filtros. Sem medos.

São Luiz Teatro Municipal

De 8 a 19 de Outubro

Direção António Pires

Texto e Interpretação Ana Bola



CINEMA

O Doclisboa representa um lugar de convívio, debate e pensamento vivo, um espaço de proximidade e partilha entre o cinema e o público. A Festa do Cinema Francês celebra 15 anos



Doclisboa 2014

De 16 a 26 de Outubro.

Culturgest, Cinema São Jorge, Cinemateca, Cinema Ideal, Cinema City e Fórum Municipal Romeu Correia

Nesta 12ª edição as competições Internacional, Portuguesa e Investigações apresentam os filmes mais relevantes do último ano. A secção Riscos cruza o documentário e a ficção; Heartbeat explora a relação entre o cinema, a música e as artes performativas; Verdes Anos dá visibilidade a novos cineastas; o Cinema de Urgência contrapõe o cinema com os media tradicionais e o Doc Alliance é composto por filmes de outros festivais de cinema da Europa. Johan van der Keuken é o realizador em foco, com filmes como “Amsterdam Global Village” e a Trilogia “Norte-Sul”. A retrospectiva “Neo-Realismo e Novos Realismos” apresenta “L’Amore in Città”, uma antologia de Federico Fellini, Michelangelo Antonioni, Carlo Lizzani, Dino Risi, Alberto Lattuada e Francesco Maselli e Cesare Zavattini.



Festa do Cinema Francês

De 2 a 18 de Outubro.

Cinema São Jorge, Cinemateca, Institute Français du Portugal

A Festa do Cinema Francês, que cumpre 15 anos, alarga-se a 18 cidades e, pela primeira vez, a seis aldeias. A programação deste ano, inclui cinema francês recente e retrospectivas dedicadas a Alain Resnais e Marcel Pagnol. O festival arrancará em Lisboa, no cinema São Jorge, com a antestreia do documentário “La cour de Babel”, de Julie Bertuccelli. Do programa destaca-se “Amar, beber e cantar”, último filme de Alain Resnais. Das 25 antestreias previstas destacam-se ainda “Hope”, de Boris Lojkine, “Run”, de Philippe Lacôte e “Attila Marcel”, comédia de Sylvain Chomet. A Festa prestará ainda homenagem ao escritor e realizador Marcel Pagnol, de quem serão exibidos os filmes “Naïis”, “Topaze”, “Le Schpountz” e “Les lettres de mon moulin”.

LIVROS

Um livro fascinante sobre mais uma aventura de Gonçalo Cadilhe, para os amantes de viagens, e um clássico de Antonio Tabucchi, com Lisboa como fundo, são as nossas sugestões deste mês



Gonçalo Cadilhe *Passagem para o Horizonte*

Gonçalo Cadilhe viveu o ano mais feliz da sua vida dando uma volta ao mundo. Este livro é um concentrado de mais de duas décadas a tratar as estradas do globo por tu e foi a resposta do autor a uma provocação de um bom amigo: “Gonçalo, já seguiste os passos de Magalhães, já fizeste a peregrinação de Fernão Mendes Pinto, já repetiste a viagem do achamento das Ilhas das Especiarias?” Quando completou 40 anos, Gonçalo Cadilhe arrancou para uma viagem que pretendia realizar um sonho antigo e reafirmar o desejo da vida que tem levado: viajar e escrever. Seguindo um itinerário pelos cinco continentes baseado na localização das melhores ondas de surf do planeta, saltando da pobreza extrema da América Latina e da orla do Índico para o excesso de mordomias da Polinésia e da Califórnia, Gonçalo Cadilhe deixa-nos o relato de um périplo variado e original.



Antonio Tabucchi *Requiem*

Este é o livro que o autor italiano escreveu em português. Como que suspenso entre a consciência e a inconsciência, entre a realidade e o sonho, um homem encontra-se ao meio-dia em ponto, sem perceber porquê, numa Lisboa deserta e tórrida de um domingo de Julho. Sabe vagamente que tem umas tarefas a cumprir, sobretudo encontrar-se com um ilustre poeta desaparecido. Entrega-se ao fluxo do acaso e dá consigo a cumprir um percurso que o leva a reviver aquilo que foi, a tentar desatar os nós cegos da sua vida passada que nunca conseguiu compreender. A alucinação, a errância, o sonho duram doze horas, nas quais o tempo de uma vida se comprime e se dilata: passado e presente confundem-se e os vivos encontram-se com os mortos no mesmo plano. Nesta obra Antonio Tabucchi faz uma espécie de declaração de amor a um país que lhe pertence profundamente e à língua na qual está escrito.

ARTES

Este mês, o Museu do Design e da Moda apresenta uma faceta pouco conhecida da época do Estado Novo e obras inéditas de Paula Rego estão em destaque na Casa das Histórias

MUDE

O Respeito e a Disciplina que a todos se impõe. Mobiliário para Edifícios Públicos em Portugal (1934-1974)

Até 2 de Novembro

A exposição apresentada no MUDE contribui para o desenvolvimento da história do design em Portugal, dando a conhecer a produção realizada, e ainda quase totalmente desconhecida, durante o Estado Novo. Foram destacadas obras, móveis, autores e fabricantes que contam os antecedentes e a emergência do design em Portugal e contribuem para a identificação de momentos de rutura e para a valorização dos seus protagonistas permitindo a sua salvaguarda patrimonial. Quase sem exceções, esta é a primeira vez que entram num Museu. Uma parte destes exemplares encontrava-se ainda em uso, a maioria, porém, fora descartada. São apresentadas no estado de conservação em que foram encontradas, sem qualquer operação de restauro. As marcas de uso, as cicatrizes, os remédios improvisados, revelam materiais e processos de construção que de outro modo não seriam visíveis.



CASA DAS HISTÓRIAS PAULA REGO

Ordem e Caos

Até 26 de Outubro

Esta exposição exhibe, pela primeira vez, um vasto conjunto de obras de Paula Rego produzido durante as décadas de 1960 e 1970, pretendendo documentar e analisar o início do seu percurso artístico e o impacto no panorama português da época. As obras concebidas por Paula Rego durante estes anos remetem para a situação política do país, comentando-a de forma sarcástica e crua. Para além destes, mostram-se ainda trabalhos de outros artistas portugueses, que assumiram também uma postura crítica em relação ao regime e à vida social e cultural do país: Bartolomeu Cid dos Santos e Eduardo Batarda. Explora-se, assim, a ligação de pesquisas diferenciadas e inovadoras no campo da figuração, a partir dos anos 60, com o comentário político, social e cultural. A exposição inclui ainda obras de Victor Willing que evidenciam a cumplicidade artística e vivencial que estabeleceu com Paula Rego.

LÁFORA

De modo a tentar ser o mais abrangentes possíveis, procurámos exposições de interesse nas cidades mais próximas. Madrid, Londres e Paris têm boas propostas para oferecer



Museu Rainha Sofia, Madrid

Richard Hamilton

Até 13 de Outubro

Esta mostra oferece uma retrospectiva abrangente da obra de Richard Hamilton, um dos artistas britânicos mais influentes do século XX, numa seleção de mais de 250 obras, realizadas entre 1949 e 2011. Com um discurso incisivo, versátil, figurativo, abstrato e iconográfico, o seu trabalho faz uma reflexão crítica à sociedade de consumo, à política e aos media contemporâneos, através de fotografia, desenho, gravura ou imagens manipuladas digitalmente, que procuram a relação entre visão e movimento.

Tate Modern, Londres

Malevich

Até 26 de Outubro

Kazimir Malevich, um artista tão influente como radical, lançou uma sombra sobre a história da arte moderna. Esta primeira retrospectiva no Reino Unido, em 30 anos, reúne obras de coleções dos EUA, da Rússia e de outros países da Europa, para contar a sua história fascinante, cheia de ideais revolucionários. Inicia-se com as primeiras pinturas de paisagens russas e cenas religiosas, seguindo para a pintura abstrata, de linguagem visual arrojada e formas geométricas e cores gritantes.



Museu d'Orsay, Paris

Sade, atacar o sol

De 14 de Outubro a 25 de Janeiro

Donatien Alphonse de Sade (1740-1814) revolucionou a história da literatura e das artes. Primeiro clandestinamente, depois porque se tornou um mito. Esta exposição destaca a revolução que os textos do escritor tiveram no campo das artes. Aborda os temas da ferocidade e singularidade do desejo, a diferença, o extremo, o bizarro, o excesso e a fantasia, através de obras de Goya, Géricault, Ingres, Rops, Rodin, Picasso, entre outros.

PORTO

O Porto revela-se cada vez mais como uma cidade de cultura. Não deixe de desfrutar das propostas oferecidas. E não se esqueça de guardar tempo para aproveitar a cidade

música



Luís Represas

Dia 24 de Outubro no Coliseu do Porto

Depois de “Olhos nos olhos”, último disco de originais editado em 2008, Luís Represas apresenta-nos o seu mais recente trabalho: “Cores”. Em 37 anos de carreira, o cantor guarda um repertório invejável, histórias refletidas em canções, que se tornaram êxitos intemporais da música popular portuguesa. Neste concerto intimista e ao mesmo tempo transversal, as músicas apresentam-se-nos na sua essência, despidas.

artes



Carlos Nogueira

De 4 de Outubro a 27 de Dezembro, na Culturgest Porto

O percurso de Carlos Nogueira (Moçambique, 1947) desenvolveu-se, desde meados da década de 1970, num processo de constante mudança e renovação, mas sem sobressaltos nem discontinuidades, utilizando e por vezes combinando diferentes meios de expressão, da a performance e a instalação, da pintura à escultura. Subjacente ao seu trabalho esteve sempre a busca de uma totalidade em que o sensível e o inteligível, o visível e o invisível, a efemeridade e a permanência, o sagrado e o profano se interrelacionam.

teatro



Ah, os dias felizes

De 24 de Outubro a 16 de Novembro, no Teatro São João

Desde que se estreou, há mais de cinquenta anos, esta peça de Samuel Beckett tem sido recebida como uma revisitação da tragédia “Prometeu Agrilhado” e da condição dos condenados no “Inferno”, de Dante, mas também, como uma canção de amor e um poema comovente contra o pessimismo. O autor recusou pronunciar-se, deixando todos os caminhos em aberto, apelando a uma outra experiência: a nossa. Winnie e Willie, um casal pequeno-burguês, de meia-idade, amante de operetas e clássicos (mas também de postais pornográficos...) regressa ao palco do São João e aos seus montículos queimados por um sol inclemente para falar de tudo o que se pode.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA



ALGUNS TRABALHOS
CONJUNTOS COM
O SIA ARQUITECTURA

CASA NA FONTINHA, MELIDES,
COM ARQ. MANUEL AIRES MATEUS